

Esporotricose Felina Refratária à Terapia – Relato de Caso

Mariana Spada Bittencourt ¹, Ana Paula Weber ², Jéssica Eloize Portella ³, Nicole Quevedo Cardoso ⁴,
Caio César Poli dos Santos ⁵ e Fabiana dos Santos Monti ⁶

Palavras-chave: Dermatozoonose. Ergodermatose. *Sporothrix schenckii*.

Introdução

Com grande potencial zoonótico, a esporotricose é classificada como uma micose de implantação. Sua transmissão ocorre através de mordidas, arranhões e do contato direto com a região lesionada (RODRIGUES et al., 2014). Clinicamente, pode ser classificada em forma cutânea fixa, cutânea disseminada e linfocutânea (ROSSI et al., 2013). Em gatos são comuns manifestações clínicas como nódulos, úlceras, secreção nasal, espirros e dispneia (GREMIÃO et al., 2015). O tratamento baseia-se no uso de antifúngicos azóis como itraconazol, fluconazol, associados ou não ao iodeto de potássio. Outros medicamentos como terbinafina e anfotericina B têm sido descritos em casos de esporotricose refratária (LARSSON, 2011). O presente trabalho tem como objetivo relatar um caso de esporotricose em gato doméstico, refratário ao tratamento.

Relato de Caso

Foi encaminhado um gato, SRD, macho, três anos, não esterilizado, na CEMV-UTP, devido à lesão em membro torácico e espirros, com evolução de um mês. Ao exame clínico observou-se no membro torácico direito lesão ulcerosa em dígito, associada a nódulos com configuração linear em antebraço, caracterizando quadro linfocutâneo. O animal apresentava também deformidade nasal. Foi realizado exame citopatológico da lesão ulcerosa, que revelou estruturas leveduriformes, pleomórficas, características do fungo *Sporothrix spp*. Iniciou-se o tratamento com fluconazol manipulado, na dose de 50 mg/gato, associado ao iodeto de potássio na dose de 5mg/kg. Houve melhora clínica importante, porém, um mês após o início da terapia, observou-se piora no quadro. Optou-se, então, por substituir o fluconazol pelo itraconazol de uso humano (100 mg/gato), associado ao iodeto de potássio (5 mg/kg). Durante quatro meses sob essa terapia, o animal apresentou melhora parcial e surgimento de novas lesões. Atualmente, após seis meses do início do tratamento, a dose do iodeto de potássio foi elevada para 10 mg/kg. O itraconazol foi mantido na mesma dosagem.

1 Medicina Veterinária - UTP

2 Medicina Veterinária - UTP

3 Médico Veterinário - PAP/UTP

4 Médico Veterinário - PAP/UTP

5 Médico Veterinário - PAP/UTP

6 Professora de Medicina Veterinária – UTP

Discussão

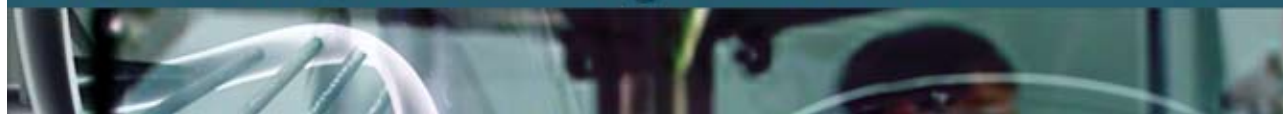
Pereira (2014) ressalta que o tratamento efetivo da esporotricose depende do uso regular e prolongado de antifúngicos. Também reforça que os felinos são muito sensíveis aos iodetos, e podem não responder ao tratamento, com progressão das lesões e óbito. No caso relatado não se observou colateralidades aos antifúngicos ou ao iodeto, mesmo após seu uso prolongado. Sendo assim, esta não foi a causa da resposta terapêutica parcial à terapia instituída. Schubach et al. (2012) relataram resposta favorável à utilização oral de terbinafina 30mg, isoladamente ou associado ao itraconazol, em apenas 7,4% e 5,9% dos casos, respectivamente. Por isso, a terbinafina não foi uma opção de tratamento nesse caso. Gremião (2015) concluiu em estudo que a cura clínica da esporotricose foi observada na maioria dos animais que utilizaram anfotericina B intralesional, associada ao itraconazol oral. Embora os dados apontem para uma resposta favorável à anfotericina B, o seu alto custo foi fator impeditivo no tratamento do paciente. A manipulação de medicamentos pode interferir na eficácia do tratamento, pois estudo comparativo realizado com o fluconazol afirmou que as cápsulas manipuladas não apresentaram o mesmo comportamento in vitro (SILVA, 2010). O animal relatado iniciou tratamento com medicação manipulada, o que poderia explicar o insucesso terapêutico. Mas, mesmo com o antifúngico comercial, utilizado posteriormente, o quadro não evoluiu satisfatoriamente. Miranda (2012) e Souza et al. (2005) observaram uma correlação entre a imunossupressão viral, com a gravidade da esporotricose nos gatos. O paciente não foi testado para FIV e FeLV, mas é possível que a infecção por esses retrovírus explique a baixa resposta ao tratamento instituído.

Conclusão

Mesmo na vigência de tratamento prolongado e contínuo para a esporotricose felina, casos refratários são possíveis. Relatos que justifiquem sua causa são escassos, o que enfatiza a necessidade pela busca de alternativas terapêuticas.

Referências

- GREMIÃO, I. D. F.; MENEZES, R. C.; SCHUBACH et al. Feline sporotrichosis: epidemiological and clinical aspects. *Medical Mycology*. v. 53, n. 1, p.15-21, 2015.
- LARSSON, C. E. Esporotricose. *Braz. J. Vet. Res. Anim. Sci.*, São Paulo, v. 48, n. 3, p. 250-259, 2011
- MIRANDA LHM. Avaliação da resposta inflamatória in vivo e in vitro na esporotricose felina em diferentes apresentações clínicas. Rio de Janeiro: Fundação Oswaldo Cruz; 2012.
- PEREIRA SA, GREMIAO IDF, KITADA AAB, et al. The epidemiological scenario of feline sporotrichosis in Rio de Janeiro, State of Rio de Janeiro, Brazil. *Rev Soc Bras Med Trop* 2014; 47: 392–393.
- RODRIGUES AM, BAGAGLI E, DE CAMARGO ZP, BOSCO SMG. *Sporothrix schenckii sensu stricto* isolated from soil in an armadillo's burrow. *Mycopathologia*. 2014; 177:199–206.doi:10.1007/s11046-0149734-8



ROSSI, C. N.; ODAGUIRI, J.; LARSSON C. E.; Retrospective Assessment of the Treatment of Sporotrichosis in Cats and Dogs Using Itraconazole. *Acta Scientiae Veterinariae*. v.41, p. 1-5, 2013.

SCHUBACH T.M.P., MENEZES R.C. & WANKE B. 2012. Sporotrichosis, p.645-650. In: Greene C.E. (Ed.), *Infectious Diseases of the Dog and Cat*. 4th ed. Elsevier, St Louis.

SILVA, E. P. O., et al. AVALIAÇÃO DA QUALIDADE DE FORMULAÇÕES CONTENDO FLUCONAZOL MANIPULADAS EM FARMÁCIAS. Disponível em: http://www.inicepg.univap.br/cd/INIC_2010/anais/arquivos/0009_0374_01.pdf/ Acesso em: 01/08/2016.

SOUZA L. L., NOBRE M. O., SILVEIRA E.; et al. **Esporotricose em gatos portadores do vírus da leucemia felina**. *R. bras. Ci. Vet.*, v. 12, n. 1/3, p. 99-101, 2005.